

Orçamento Sob pressão

Dólar pesa, e Haddad vai levar a Lula cardápio de cortes de gastos

Entre as medidas está a fixação do mesmo teto de aumento real de 2,5% para gastos com benefícios previdenciários, Saúde e Educação; moeda vai a R\$ 5,35

ESTADÃOANALISA

ALVARO GRIBEL
BRASÍLIA

O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, levará ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva um cardápio com medidas para desinchar os gastos do Orçamento federal. Entre elas, há a ideia de estabelecer o teto de 2,5% acima da inflação para as despesas hoje vinculadas ao salário mínimo, como os benefícios previ-

denciários, e também para os pisos da Saúde e Educação – atrelados à arrecadação do governo. Por esse modelo, esses gastos ficariam sujeitos ao mesmo limite do atual arcabouço fiscal – corrigindo a distorção de se ter rubricas obrigatórias com crescimento acelerado, que acabam comprimindo gastos para investimentos e para o custeio da máquina pública.

Essa solução já havia sido apresentada por Haddad em encontro com investidores na sexta-feira passada, e confirmada pelo Estadão. O que azedou o clima com o mercado, no entan-

to, foi a certeza de que a decisão não cabe a Haddad e ainda precisará do aval de Lula. Como o ministro disse que é o presidente quem decide – e as declarações

**Valorização
Com a alta de ontem,
dólar já acumula ganho
de 2,02% neste mês e
de 10,37% no ano**

de Lula no campo econômico têm seguido na mão contrária às da equipe econômica –, a percepção de risco aumentou mu-

to da sexta-feira para cá.

O dólar chegou a bater ontem em R\$ 5,38 na abertura dos negócios, abaixo apenas das cotações da virada de governo – de R\$ 5,48, em 5 de janeiro de 2023. No fechamento, ficou em R\$ 5,35, ainda assim uma alta de 0,6% no dia, levando o acumulado no mês para 2,02% e no ano, para 10,37%. Além da questão fiscal no País, a cotação refletiu a expectativa do mercado com a reunião de amanhã do Federal Reserve (Fed, o banco central americano), que deve manter os juros congelados (mais informações na pág. B3).

Com o dólar mais forte, a pressão sobre a inflação tende a aumentar, o que diminuirá a margem de manobra do Banco Central para dar continuidade ao corte da Selic. Nesse sentido, a disparada do dólar acaba sendo uma aliada de Haddad no esforço de convencimento do presidente. Lula está sob influência do ministro da Casa Civil, Rui Costa, e da presidente do PT, Gleisi Hoffmann, que não veem urgência no ajuste fiscal.

Até aqui, Haddad tem conseguido ganhar as principais disputas no campo econômico, como a reoperação dos combustíveis, a manutenção da meta de inflação de 3% e o pagamento de dividendos extraordinários por parte da Petrobras. O problema é que essas vitórias têm acontecido sempre no “varejo”, e não no “atacado”. Ou seja, ele precisa atuar fortemente nos bastidores para conseguir cada uma das vitórias, e não tem carta branca de Lula para adotar as medidas que achar necessárias. ●

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Economia e Negócios Caderno: B Pagina: 1